

Guias de viagem do Rio de Janeiro entre 1904 e 1922:

uma perspectiva comparativa

Travel guides of Rio de Janeiro between 1904 and 1922: a comparative perspective

Amanda Danelli Costa

Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio, Professora do Departamento de Turismo e da Pós-graduação em História Social da UERJ

amandadanelllicosta@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca compreender como se formou e se transformou a imagem turística da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX por meio da análise de guias de viagem: *Guide des Etats-Unis du Brésil*, de Olavo Bilac, Guimarães Passos e Bandeira Jr., publicado em 1904; *Guia da cidade do Rio de Janeiro*, de Paula Pessoa, publicado em 1905; *The beautiful Rio de Janeiro*, de Alured Gray Bell, publicado em 1914; e o *Guia Oficial da Exposição do Centenário*, publicado pelo Bureau Official de Informações em 1922. Fez-se a seleção de quatro descritores – belezas naturais, roteiros, bairros atlânticos e imagens – a fim de estabelecer uma comparação entre os guias, identificando aspectos centrais e comuns aos guias analisados, o que nos permitiu identificar aspectos duração e de transformação da imagem turística do Rio de Janeiro ao longo desse recorte temporal.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro; Imagem turística; Guias de viagem.

ABSTRACT: This article seeks to understand how the tourist image of the city of Rio de Janeiro was formed and transformed in the first decades of the 20th century through the analysis of travel guides: *Guide des Etats-Unis du Brésil*, by Olavo Bilac, Guimarães Passos and Bandeira Jr., published in 1904; *Guia da cidade do Rio de Janeiro*, by Paula Pessoa, published in 1905; *The beautiful Rio de Janeiro*, by Alured Gray Bell, published in 1914; and the *Official Guide to the Centennial Exhibition*, published by the Official Information Bureau in 1922. Four descriptors were selected – natural beauty, itineraries, Atlantic neighborhoods and images – in order to establish a comparison between the guides, identifying central aspects common to the guides analyzed, which allowed us to identify aspects of duration and transformation of the tourist image of Rio de Janeiro throughout this time frame.

KEYWORDS: Rio de Janeiro; Tourist image; Travel guides.

À guisa de introdução – guias de viagem e imagem turística no Rio de Janeiro

Os guias de viagem nos abrem janelas para as narrativas de representação das cidades, uma vez que eles próprios devem ser percebidos como um gênero literário (Costa, 2021). Apesar de ser considerado um gênero literário menor, justamente em função do seu caráter objetivo e prático, não podemos perder de vista que a maioria dos guias aqui analisados, diferente do que frequentemente passou a se observar ao avançar do século XX, são livros de autor, donde depreendemos dois importantes aspectos: são livros que resultaram de esforços diretos de seus autores (pesquisa, financiamento, etc) e são livros para os quais a definição de sua autoria não é dispensável, ou seja, importa saber quem são seus autores.

Convém sublinharmos esse último aspecto – a definição da autoria dos guias – porque, com o avançar das décadas do século XX, os guias de viagem se tornaram livros de apoio ao turista que, frequentemente, não traziam mais a indicação clara de seus autores. Isto porque era desejável que o tipo de representação proposta pelo guia tivesse um caráter mais neutro, como se fosse fruto de um uníssono, alguma voz absoluta, que asseverasse o que merece ser lembrado e, portanto, visitado em um destino turístico. Em certa medida, a internet e mais especificamente as redes sociais provocaram, nas últimas décadas, alguma mudança nesse cenário, ampliando o interesse pela identificação das vozes que indicam roteiros de viagem, mudança esta que também se observou no mercado editorial de guias de viagem, que tem se diversificado e segmentado extraordinariamente. Essa variedade de vozes, entretanto, não visa rivalizar com os conteúdos dos guias mais tradicionais, pelo contrário, elas se projetam a partir das brechas que a mirada mais tradicional impõe sobre os destinos turísticos.

Outro aspecto que vale salientar é o de que, na América, é impossível

abordar a dimensão da modernidade isolada da experiência urbana, o que tornou a cidade um objeto privilegiado não apenas para que se observasse *in loco* as representações da modernidade, mas que também reconhecia a cidade como motriz para os processos de modernização. Disso, depreende-se a razão por que a cidade figura como tema para tantos intelectuais entre o século XIX e as primeiras décadas do XX: seus textos – fossem crônicas, conferências, guias – expressavam tanto os modos da modernidade se representar a partir da cidade como, por meio de seus argumentos, projetavam propriamente as dinâmicas modernizadoras da cidade (Gorelik, 2003). Sugerimos, portanto, que são esses personagens – autores dos guias – os que forjavam uma noção de cidade-capital turística nos trópicos, como ela deveria ser: moderna e, por conseguinte, equivalente a qualquer metrópole ocidental.

Para três dos quatro guias aqui analisados – os três primeiros – não se pode dizer que se pretendam neutros; seus autores são identificados e realizaram os guias mediante esforços financeiros próprios ou então resultam de encomendas e, portanto, gozaram de apoio para tanto. Apesar disso, todos eles concorrem para uma mesma ideia de cidade turística. Os guias em questão são os seguintes, em ordem cronológica de publicação: *Guide des Etats-Unis du Brésil*, de Olavo Bilac, Guimarães Passos e Bandeira Jr., publicado em 1904; *Guia da cidade do Rio de Janeiro*, de Paula Pessoa, publicado em 1905; *The beautiful Rio de Janeiro*, de Alured Gray Bell, publicado em 1914; e, por fim, o *Guia Oficial da Exposição do Centenário*, publicado pelo Bureau Official de Informações em 1922.

O guia mais antigo a ser apresentado nestas páginas foi publicado em 1904 pelo trio de escritores Olavo Bilac, Guimarães Passos e Bandeira Júnior. Trata-se de um guia integralmente traduzido para o francês por Roberto Gomes. Possui 219 páginas e, apesar das poucas imagens da cidade, dá a impressão de ser fartamente ilustrado em função das muitas páginas destinadas à propaganda – são cerca de 70 páginas não numeradas, destinadas a este fim, reunidas ao final. A coluna dedicada ao Conselho

Municipal do *Jornal do Commercio* nos dá notícia sobre o projeto de subvenção ao Guia de Bilac, Passos e Bandeira Jr., acatado pelo Conselho em 9 de setembro de 1904, projeto este vetado em seguida pelo prefeito. Realizado ao modo dos célebres guias Baedeker, a versão brasileira contava ainda com mapa da cidade em anexo. Escrito em meio às reformas da cidade, o guia se alinha aos paradigmas de “saneamento” e “embelezamento”, identificando a transformação que ora se via em curso como ação articulada entre a municipalidade e o governo federal: “essa transformação que havia sido prometida à nação no discurso inaugural de Rodrigues Alves realiza-se rapidamente, graças aos esforços combinados do Ministro das Obras Públicas Sr. Dr. Lauro Muller e o Prefeito do Distrito Federal, Sr. Dr. Francisco Pereira Passos” (Bilac, 1904, p.117, tradução nossa).

Escrito pelo engenheiro civil Paula Pessoa, o *Guia da cidade do Rio de Janeiro*, foi publicado em 1905 e elaborado para o 3º Congresso Científico Latino-Americano – realizado entre 6 e 16 de agosto de 1905 – incumbência dada pela comissão organizadora do evento. O guia se encontra em língua portuguesa, é fartamente ilustrado e possui 196 páginas. Diferentemente dos outros guias, não possui seção para anúncios. Ao final, apresenta um índice remissivo, além de uma seção com correções e acréscimos que foram feitas no guia, produzido em tempo curto. Não há neste guia, diferente do que se observou no *Guide des Etats Unis du Brésil*, a reunião de informações úteis ao viajante, como hotéis e restaurantes, em uma seção específica. O modo mais simples para encontrar os hotéis sugeridos é via índice remissivo, onde constam apenas três hotéis, sendo dois na cidade do Rio de Janeiro e um na serra, são eles: Hotel Continental, situado em Santa Tereza, Hotel dos Estrangeiros, localizado no Flamengo e o Hotel Hygino, em Teresópolis. No índice, não estão sinalizados estabelecimentos como restaurantes, cafés, confeitarias ou pensões. Esta falta é, seguramente, o que mais afasta este guia dos outros exemplares contemporâneos a ele. Outro elemento de diferença do guia de Paula Pessoa dentre os demais é a descrição de vários dos bairros cariocas,

divididos entre arrabaldes e subúrbios.

Editado em Londres por William Heinemann, *The beautiful Rio de Janeiro* fora escrito por Alured Gray Bell e publicado em 1914. O guia possui 194 páginas e é fartamente ilustrado, incluindo-se três mapas: da cidade do Rio de Janeiro, do sistema da *Western Telegraph Company* e dos sistemas e conexões da *Brazil Railway Company*. O guia é resultado da encomenda do Marechal Hermes da Fonseca, a quem o mesmo foi dedicado. O autor esclarece que o guia foi também financiado pelo ex-presidente, que esperava que o guia ajudasse a divulgar a capital brasileira entre os ingleses e os norte-americanos. Muito embora ainda não houvesse um órgão que centralizasse as ações de políticas públicas destinadas à organização e promoção do turismo no Rio de Janeiro, vemos que esses esforços isolados de algumas personalidades públicas – políticos, empresários ou intelectuais – demonstravam como a atividade turística era percebida, já naquele momento, como uma atividade de valor, dentre aquelas que poderiam alçar a cidade do Rio entre as mais modernas e civilizadas do mundo ocidental. Muitas das ilustrações que compõem o guia são de autoria de Nair de Teffé, esposa de Hermes da Fonseca. Há uma lista de ilustrações (gravuras e fotografias) coloridas e em preto e branco, sendo 58 ilustrações coloridas e 110 ilustrações em preto e branco. No guia, em diferentes capítulos, é possível ler as interpretações do autor sobre o funcionamento da sociedade carioca, tecendo uma série de observações que se aproximam de um exercício etnográfico.

O *Guia Oficial da Exposição Internacional do Centenário*, editado pelo Bureau Official de Informações, localizado no Palácio Monroe, e impresso na Tipografia do Annuario do Brasil – Almanack Laemmert, com 392 páginas, contendo ilustrações e mapas, veio à público no dia 30 de setembro de 1922. O guia da exposição, que visava apresentá-la aos visitantes, trazia informações em português, inglês e francês. Suas últimas páginas são ocupadas por um “índice das matérias” e um “índice das gravuras”. O guia se dedica majoritariamente a apresentar os pavilhões que compunham a

exposição comemorativa do centenário da independência do Brasil. A exposição contava com uma seção nacional, localizada entre o Arsenal de Guerra e o Mercado Municipal, e uma seção internacional – com a participação da Bélgica, Dinamarca, Noruega, Suécia, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Tchecoslováquia, Estados Unidos, México, Argentina e Japão – disposta ao longo da avenida das Nações, aberta no espaço livre deixado pelo desmonte do Morro do Castelo durante a gestão de Carlos Sampaio na prefeitura. Algumas empresas nacionais e internacionais também contavam com pavilhões: Indústrias Reunidas Matarazzo, Cervejaria Brahma, Companhia Hanseática, Companhia Commercio e Navegação, Companhia Antártica Paulista e Cervejaria Polônia. Como o guia fora produzido antes mesmo de que toda a exposição estivesse pronta, verificam-se sinais dos estágios de preparação, com a ausência de fotografias de alguns pavilhões, substituídas por reproduções de suas plantas ou ainda de fotografias de pavilhões em obras, como o caso daquele destinado à Noruega. Ao final do guia, lê-se inclusive a seguinte mensagem:

A primeira edição do “guia oficial da exposição” ressentia-se de várias deficiências. Não estando terminados ainda os trabalhos da exposição, ao tempo que ela foi organizada para a respectiva impressão, não foi possível aos seus editores conseguir todos os dados necessários para a confecção do livro. Entretanto, estão certos de que o “guia” preenche os primeiros fins a que foi destinado e de que nas edições sucessivas que venha a ter tais deficiências serão naturalmente sanadas. (Exposição do Centenário do Brasil, 1922, p. 391)

Além das informações sobre os pavilhões, o guia reunia uma sorte de informações, que não apareciam nos demais guias: “Parque das diversões”, com uma relação dos divertimentos que estariam disponíveis por ocasião da exposição (tiro ao alvo, carrossel, ilusionismos, espelhos excêntricos, balanços, etc.); “Programa oficial das festas”, com a previsão de uma série

de comemorações e festejos; “Obras comemorativas do Centenário”, listando publicações; “Congressos científicos” que aconteceriam durante a realização do evento em comemoração ao centenário da independência; e, por último, uma relação das modalidades esportivas que tomariam parte dos “Jogos Latino-Americanos” (tênis, basquete, esgrima, tiro, boxe, remo, natação, atletismo, hipismo, cabo de guerra, vôlei, pentatlo, regatas à vela, maratona, polo aquático, futebol).

Boa parte do guia é ocupada por páginas dedicadas à propaganda, o que também era muito comum entre outros guias que contavam com os anúncios para financiar ao menos parte da edição dos guias. A diferença é que o *Guide* de Bilac, Passos e Bandeira Jr. trazia os anúncios reunidos ao fim, mas neste guia da Exposição os anúncios se encontram dispersos ao longo das suas páginas. Ao contrário do que se pode imaginar a partir da experiência com os guias atuais, o guia da Exposição trazia propagandas de uma série de estabelecimentos que, à princípio, não tem relação direta com a atividade turística, mas que poderiam muito bem servir a pessoas que realizassem negócios na cidade ou que se estabelecessem no Rio de Janeiro.

Há anúncios sobre a venda de pedras preciosas, joias, livros, material de papelaria e escritório, roupas e alfaiatarias, sapatos, máquinas de escrever, mimeógrafos, cigarros, compotas, artigos de navegação, arranjos florais, navalhas, móveis, pastas de dente, chocolates, pregos, óculos, lustres, material elétrico, medicamentos, fósforos, tapetes, perfumes, motores, combustíveis, rendas, tecidos variados, vitrola, tijolos, telhas, bebidas e ainda uma série de serviços prestados por empresas de comunicação, importadoras, construtoras, fornecedores de aço, seguros, financeiras, escola de línguas, escolas de dança e clube. Dentre os anúncios diretamente vinculados à atividade turística, destacam-se aqueles que informam sobre empresas de navegação, artigos fotográficos (Lutz, Ferrando, Cia Ltda, Optica Inglesa e Photo studio Huberti & Cia), hotelaria (Hotel Vera Cruz, Palace Hotel, Hotel Avenida, Rio Hotel, Aliança Hotel),

restaurantes (Confeitaria Colombo), malas e artigos de viagem (A Torre Eiffel), divertimentos (Cine Palais) e demais atrativos (Corcovado, Museu Nacional e Museu Nacional de Belas Artes). Há ainda anúncio de um hotel na cidade de Teresópolis (Varzea Hotel) e outro na cidade de Nova Iorque (Hotel Mc Alpin).

Feita essa breve apresentação dos quatro guias, a próxima seção nos apresentará possíveis interseções entre eles, considerando-se: 1. como exploravam as belezas naturais da cidade e, em especial, a Baía de Guanabara; 2. se mencionavam e o que diziam sobre os bairros atlânticos (Leme, Copacabana, Ipanema), área em expansão naquele momento e que hoje se vê consagrada como a principal região turística da cidade do Rio de Janeiro; 3. como eram os roteiros de visita propostos, bem como os atrativos turísticos em relevo; e 4. as imagens selecionadas para ilustrar os guias, visando ambientar o viajante aos personagens de renome e às paisagens cariocas de destaque. Por fim, fazendo as vezes de considerações provisórias e não finais, buscamos traduzir a imagem turística da cidade nessas primeiras décadas, observando quais elementos de permanência e de transformação da imagem turística da cidade do Rio de Janeiro se verificam a partir da análise dos quatro guias selecionados.

Belezas naturais, roteiros, bairros atlânticos e imagens: interseções entre os guias

Belezas naturais

É inegável que o Rio de Janeiro é uma cidade que, entre outras coisas, atrai turistas por conta das suas belezas naturais. No entanto, é impossível falarmos das belezas naturais cariocas como se, hoje em dia, fossem do tipo virginal, intocada, selvagem. Que boa parte desses cartões-postais seja preservada e conviva, frequentemente, a poucos metros de distância da agitação de uma metrópole como o Rio torna, para muitos turistas, o

convite à cidade ainda mais sedutor.

Entre os guias, notamos algumas diferenças importantes na maneira como os passeios foram sugeridos: no *Guide des Etats Unis du Brésil* e no *Guia da Cidade do Rio de Janeiro* há roteiros propostos, que partem de um lugar com destino a outro, cobrindo vários quarteirões pela cidade. Além disso, há recomendações de passeios específicos, como é o caso do Corcovado. No *Guia Oficial da Exposição*, há uma curta seção destinada aos “passeios pitorescos” e já no *The beautiful Rio de Janeiro* não há proposição de roteiros nem seções destinadas a indicar passeios, que se deixam entrever ao longo do texto do guia, em especial no segundo capítulo destinado ao Rio de Janeiro.

A atenção às belezas naturais é, claramente, um dos aspectos de manutenção entre a imagem turística de 1904 e 1922, mas também entre as primeiras décadas do século XX e a atual. E, se há um clique, literalmente um cartão-postal, que ao longo destes cento e vinte anos tenha se mantido entre os mais cobiçados, esta imagem é a da Baía de Guanabara. Seja nos relatos, prolificamente adjetivados, ou nas imagens selecionadas para constar nos guias, a Baía de Guanabara é a presença mais marcante: os quatro guias analisados trazem imagens – pictóricas ou textuais – da Baía de Guanabara.

Há diferentes motivações para se explorar a Baía de Guanabara nos guias. A começar, trata-se do caminho por onde chegavam as embarcações com estrangeiros. Era ao entrar na Baía de Guanabara que os visitantes tinham a vista das mais monumentais que a cidade poderia oferecer: a cadeia montanhosa ao fundo e a estreita faixa de terra entre as paredes verdejantes e o mar. Essa noção da cidade, aliás, já estava há muito tempo fixada pelos relatos de viajantes e cronistas que por aqui tinham passado. Produzir, portanto, uma imagem no guia que fosse de familiarização porque, entre outras coisas, também já era de (re)conhecimento acabara por consagrar ainda mais a Baía de Guanabara.

Por ser ponto de chegada (e de partida) para a aventura carioca, era comum que os guias trouxessem uma descrição da Baía e suas ilhas, buscando traduzir os seus encantos. Para Bilac, Passos e Bandeira Jr., “a Baía do Rio de Janeiro oferece deliciosos passeios” (Bilac, 1904, p.210, tradução nossa); para Paula Pessoa, “não há viajante antigo ou moderno que não se extasie ante a uma tal maravilha do Criador” (Pessoa, 1905, p. 44-5); já Audrey G. Bell foi categórico ao afirmar: “já viajei pelos cinco continentes e ainda estou pra ver o que se assemelhe à Baía de Guanabara” (Bell, 1914, p.6, tradução nossa); e o *Guia Oficial da Exposição* ressalta a beleza da Baía quando sugere passeios à Paquetá, à Niterói e ao Pão de Açúcar, de onde “descortina-se um dos mais formosos panoramas da Cidade, da Baía de Guanabara e do próprio oceano” (Exposição do Centenário do Brasil, 1922, p.289). A página que abre as sugestões de “Passeios Pitorescos do Rio”, no guia da exposição, traz uma ilustração tomada de dentro da Baía para o Pão de Açúcar. A Baía de Guanabara é também a única paisagem fotografada comum aos quatro guias.

Dentre as curiosidades observadas, duas coincidências que concorrem para um mesmo traço historiográfico: tanto no *Guide des Etats Unis du Bresil* (Bilac, 1904, p.100) como no *Guia da Cidade do Rio de Janeiro* (Pessoa, 1905, p.43) há menção ao fato de que o contorno da Baía se pareça ao contorno do mapa do Brasil, o que também pode ser lido como mais uma insinuação de que o Rio de Janeiro, como parte, represente o todo do Brasil. Nessa linha, e seguindo as mesmas chaves descritivas, ambos os guias mencionam a visão do “gigante adormecido” desde a Baía. Não é à toa que, em busca das belezas naturais mais significativas do Rio de Janeiro de ontem e de hoje, partamos do “gigante adormecido” para o Corcovado. Visto da Baía, o Corcovado compõe uma insinuante silhueta para o atual Parque Nacional da Tijuca. Ao lado da Baía de Guanabara, geográfica e retoricamente, figura entre os passeios imperdíveis em todos os guias analisados até aqui. Dentre as descrições, lemos que: “O Corcovado é uma montanha no topo da qual descortinamos o mais belo

panorama que possamos imaginar” (Bilac, 1094, p.204, tradução nossa); “todo viajante deve visitar o alto do Corcovado, de onde se goza a sensação agradabilíssima de um dos mais bellos panoramas do mundo” (Pessoa, 1095, p.130); “(...) Corcovado, ao qual todo bom carioca orgulhosamente dirige o viajante, e para onde você certamente deve ir” (Bell, 1914, p. 47, tradução nossa). O *Guia Oficial da Exposição*, por sua vez, indica visita ao Corcovado no capítulo dedicado aos “passeios pitorescos” – “essa montanha oferece uma das mais belas excursões no Rio” (Exposição, 1922, p. 299, tradução nossa) e traz uma propaganda de página inteira, sem ilustração, para a qual a imagem se desenha a partir do seguinte texto:

O Corcovado é um dos pontos turísticos mais famosos do Rio. O pavilhão no pico está a 329 pés acima do nível do mar. Pegue o bonde “Aguas Feras” até a estação Cosme Velho, desça aí para a ferrovia elétrica (...) que vai até o topo. A subida da montanha oferece belas vistas da cidade, colinas e baía; o panorama forma o topo é inigualável no mundo. Hotel e restaurante de última geração na segunda parada, Paineiras (...). (Exposição, 1922, P. 102, tradução nossa)

O passeio ao Corcovado, entretanto, não tinha valor exclusivamente pela vista que se encontrava ao chegar ao topo da montanha. A viagem de trem, ela em si, já constituía parte do deslumbramento, fosse pelo uso da técnica ou pelas paisagens que vez ou outra se abriam – e ainda se abrem – por dentro da floresta: “em certo momento descobrimos por uma abertura na mata uma vista inigualável: a lagoa Rodrigo de Freitas, o Jardim Botânico e a linda praia de Copacabana” (Bilac, 1904, p.205, tradução nossa). Pessoa (1905, p. 131) também chama a atenção para a vibração da cidade que se sente ainda muitos metros acima do nível do mar: “chegando até ahi o rumor confuso da vida que embaixo se agita, nas fábricas, nos transportes e no incessante labutar humano”. Essa noção de um “rumor confuso da vida que (...) se agita” vai ao encontro da ideia de que o encanto do Rio

passava (e ainda passa) pela convivência entre a urbanidade de uma metrópole e a presença das suas belezas naturais. Passava também, necessariamente, pela valorização do domínio sobre a natureza através do uso das técnicas que o engenho humano vinha desenvolvendo desde o século XIX, o que corrobora para uma perspectiva moderna da cidade.

Roteiros

No presente item, nosso principal objetivo é observar se há interseções entre os roteiros ou passeios propostos para a cidade do Rio de Janeiro nos guias publicados entre 1904 e 1922, o que nos demonstraria um processo de fixação da noção de que alguns atrativos são imperdíveis ou mesmo de que algumas regiões da cidade concentram a maior ou mais importante parte do que deveria ser visto para se conhecer a cidade do Rio de Janeiro.

O *Guide des Etats Unis du Brésil* e o *Guia da Cidade do Rio de Janeiro* sugerem três itinerários que, em muitos aspectos, se encontram. Ambos indicam roteiros no centro que cobrem praticamente toda a área do centro da cidade. O guia de 1904 indica três roteiros, com as seguintes características: a. da Praça XV para dentro da cidade, até o entorno da Praça da República e Canal do Mangue; b. a partir da rua do Ouvidor, passando pela Carioca, para seguir de bonde para os bairros da zona sul; c. um terceiro caminho que leva do Canal do Mangue para os subúrbios. Indica ainda os parques e jardins da cidade. O guia de 1905 sugere dois roteiros: o primeiro tem como *locus* principal a rua Primeiro de Março, observando-se seus atrativos, como igrejas, monumentos, edifícios, bancos, agências financeiras, companhias estrangeiras, largos e os nomes das ruas transversais e o que nelas também chama a atenção; o segundo roteiro tem início na Rua do Ouvidor e vai até a praça da República, com indicação das ruas que cruzam a rua do Ouvidor, como era o caso da que passaria a ser a mais importante delas: “na sua esquina passa a grande Avenida Central projetada, já em construção, com a extensão de 1800 metros e largura de 33, partindo da Praia de Sta. Luzia e terminando no

Largo da Prainha” (Pessoa, 1905, p.77).

Por fim, se chegava ao largo da Carioca, de onde partiam os bondes para a zona sul. Ambos os guias também coincidem na indicação de visita ao *Derby Club*. Os dois guias, de 1904 e 1905, sugerem que o turista, a pé, caminhe pelo centro da cidade a partir de dois eixos, que se cruzam na praça XV, itinerários que ainda hoje reúnem muitos turistas em torno dos *walking tours*. No entanto, o centro que, no 1900, sediava lugares e personagens em função, não apenas dos seus aspectos históricos, mas sobretudo pelo seu valor frente aos negócios, a dimensão da vida política e cultural da cidade, hoje em dia se apresenta nos passeios guiados a pé fundamentalmente como um espaço de valor histórico.

O guia *The beautiful Rio de Janeiro*, dentre os quatro, é o que menos deu contribuições para a estrutura de um roteiro. No segundo capítulo, dedicado ao Rio de Janeiro, o autor cita uma série de locais de interesse, descrevendo-os, mas não o faz a partir de uma organização específica, não chega a criar uma lógica própria para apresentar a cidade. Apesar disso, e em comum com os guias anteriores, nota-se que a maior parte das sugestões que ali aparecem se situam no centro da cidade, dedicando-se especial atenção à avenida Central e à avenida Beira-Mar, dois novos eixos inaugurados depois da publicação dos guias de 1904 e 1905. Sobre os divertimentos, ele chega a dizer que:

O magnífico Theatro Municipal e o antigo Teatro Lírico, (...) durante o inverno carioca, proporcionam o principal encontro pós-jantar dos sexos. Aqui você obtém o melhor que o palco europeu pode oferecer - uma Sarah Bernhardt, uma Guitry (...). (...) Os outros teatros do Rio e as casas de espetáculos cariocas não são de alto nível, sendo estes últimos muito de terceira categoria. Em compensação, as salas de cinema são agora tão boas quanto qualquer outra na Europa (...). (Bell, 1914, p. 191-

192)

O *Guia Oficial da Exposição*, por sua vez, destina um item do guia para a indicação do que chama de “passeios pitorescos”, somando oito sugestões nesta ordem de aparecimento: Pão de Açúcar, Corcovado, Alto da Boa Vista, Paquetá, Jardim Botânico, Jardim Zoológico, Quinta da Boa Vista e Niterói. Nota-se que nenhum dos passeios pitorescos se apresenta no centro da cidade, o que, entretanto, não significa que a região do centro não fosse ainda o principal espaço a ser explorado pelos visitantes. Basta nos lembrarmos que a exposição de 1922, objeto primeiro do guia, se situava principalmente no centro, ao longo e nos arredores da atual Avenida Presidente Wilson.

Bairros atlânticos

Os bairros atlânticos – em especial Copacabana e Ipanema – que hoje tem centralidade nos mapas turísticos da cidade e também entre os roteiros sugeridos nos guias, reunindo os melhores serviços turísticos da cidade, em especial a hotelaria, apareciam nos guias de 1904 a 1922 de modo coadjuvante. Em 1904 e 1905, esses bairros eram escassamente ocupados e ainda expressavam uma atmosfera primitiva. Já em 1914 e, sobretudo, em 1922, já haviam sido tocados pelas reformas e se encontravam em franca ocupação, tanto é que um dos hotéis construídos para atender aos visitantes da Exposição Internacional se localiza justamente na orla de Copacabana – o Copacabana Palace, inaugurado com atraso apenas em 1923.

Vejamos algumas impressões que os autores dos guias compartilham conosco sobre essa região para onde a cidade cresceria naqueles e nos anos seguintes. No *Guide des Etats Unis du Brésil*, lemos que Copacabana é uma “esplêndida praia de banhos e residência de verão” (Bilac, 1904, p. 194, tradução nossa); “Leme e Ipanema são os passeios preferidos de domingo. Iluminação elétrica, quiosques para bandas de música. É um passeio que

recomendamos especialmente aos viajantes” (Bilac, 1904, p. 210, tradução nossa). No Guia da Cidade do Rio de Janeiro, temos uma breve descrição:

A Praia da Copacabana começa no Leme, na base do Morro da Babylonia que tem 235m de altitude, havendo, para ahi, uma linha de tramways que atravessa esse tunnel extenso. É este um bairro novo, contando já considerável número de boas e bem construídas casas, sendo digno de visita pelas bellezas naturaes que offerece. Ainda mais recente é o bairro em seguida a este, na Praia do Arpoador, e conhecido pelo nome de Villa Ipanema – é aprazivel, mui saudavel, alegre, fresco e dispondo de fácil transporte nos tramways electricos, que se encontram no Largo da Carioca com taboleta indicadora. (Pessoa, 1905, p.128)

Em *The beautiful Rio de Janeiro*, Copacabana é citada no segundo capítulo, dedicado a apresentar a cidade do Rio de Janeiro. No entanto, sua primeira aparição não corresponde a uma descrição nem mesmo sugestões de passeios a serem feitos naquele bairro à beira-mar. É tão somente quando o guia aborda a questão do clima na cidade que Copacabana aparece como uma opção, nem a primeira nem a segunda, para se fugir do calor: “suba as montanhas, se puder pagar por isso – para Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo ou aos menos distantes Leme, Copacabana, Ipanema, Tijuca, Sylvestre ou Santa Tereza”(BELL, 1914, p. 38, tradução nossa).

Entre os locais sugeridos nos “passeios pitorescos” presentes no *Guia Oficial da Exposição*, confirmamos o papel de coadjuvância dos bairros atlânticos. Ipanema aparece apenas lateralmente, dentro da sugestão de visita ao Alto da Boa Vista: “o circuito Gavea-Tijuca ou Ipanema-Tijuca constitue uma das mais belas excursões de automóvel do Rio” (Exposição do Centenário do Brasil, 1922, p. 293).

É fundamental observarmos, portanto, como atividade turística e desenvolvimento urbano se afetam. Ao passo que a cidade se expandia

para a zona sul e que aquele território passava a ser ocupado por uma lógica de valorização imobiliária pudemos verificar, paulatinamente, a elaboração da valorização das atividades à beira-mar como atividades modernas. Na outra mão, notamos que desde o século XIX os balneários europeus se atualizavam, desde o curismo até as atividades de lazer em espaços luxuosos – cujo marco no Rio de Janeiro foi a construção do Copacabana Palace –, acarretando forçosamente em reformas nessas cidades balneário.

Imagens

Os guias, como material de divulgação turística, frequentemente se apresentam acompanhados de variadas fotografias do destino turístico que visam apresentar. Atualmente, há guias que são densamente ilustrados e contém textos descritivos brevíssimos. Já nas primeiras décadas do século XX era comum ocorrer o inverso: textos longos, descrições em detalhe, avaliações mais subjetivas do que objetivas e um número bastante menor de imagens, fossem ilustrações ou fotografias. Os quatro guias aqui analisados são livros ilustrados, cada qual com as suas particularidades. Pode-se dizer, sem qualquer receio, que o guia de apresentação mais modesta mediante o quesito “imagens” é o *Guide des Etats Unis du Brésil*. Os demais guias são fartamente ilustrados, havendo para cada um deles uma sorte de especificidades. Em comum, temos que nenhum dos guias indica a autoria das fotografias. Vale a ressalva de que, presentemente, não estamos considerando as ilustrações que constam dos anúncios (e que abundam tanto no *Guide des Etats Unis du Brésil* como no Guia Oficial da Exposição).

Dentre todas as imagens que o *Guide des Etats Unis du Brésil* traz, a imensa maioria é destinada a apresentar figuras públicas (presidente, vice-presidente, ministros, chefe da polícia, prefeito, senadores, deputados, governadores e diretores da Companhia Loterias Nacionais). Há apenas três imagens fotográficas que nos mostram a cidade do Rio de Janeiro: na

primeira se vê a fachada da secretaria do Derby Club; na segunda, a entrada da Baía de Guanabara; e, na terceira, a estátua equestre de D. Pedro I, situada na praça Tiradentes.

Já o *Guia da Cidade do Rio de Janeiro*, no ano seguinte, é abundantemente ilustrado, de modo que, no capítulo sobre a cidade, praticamente todas as páginas possuem imagens. A folha de rosto do guia também traz uma imagem: uma tomada do alto, da Baía de Guanabara, com o Pão de Açúcar ao fundo. As fotografias se misturam ao texto, mesmo sem corresponder precisamente às informações presentes naquela página. As fotografias, de um modo geral, trazem molduras em estilo *art nouveau*. Entre os guias de 1904 e 1905, mais um elemento em comum: ambos trazem imagem da estátua equestre de D. Pedro I. Dentre as especificidades do guia de Paula Pessoa, temos que: por um lado, mostra paisagens e variedades de monumentos, edifícios, praças e parques situados no centro, zonal sul e bairros próximos à Tijuca; por outro, exhibe uma sequência de imagens das estações de trem dos bairros do subúrbio. Hoje em dia, grosso modo, o subúrbio não aparece na maior parte dos guias sobre o Rio de Janeiro, muito embora acompanhemos um fortalecimento na criação de rotas turísticas destinadas à valorização do subúrbio carioca como local de interesse para dimensões do patrimônio e da cultura urbana. Lá no *Guia da Cidade do Rio de Janeiro*, no entanto, vê-se que Paula Pessoa apresentava o subúrbio como uma zona potencialmente turística – uma espécie de vir a ser – já que se mostrava marcada pela presença do trem, tomada pelo guia como expressão da modernidade.

Dentre os quatro guias, o *The beautiful Rio de Janeiro* é o que traz maior variedade de tipos de imagens: há ilustrações em cores de espaços da cidade assinadas pelo artista Edgar L. Pattison (há ainda ilustrações de outros autores, não identificados), fotografias e também as caricaturas de personagens políticos feitas por Nair de Teffé, nas quais se lê a assinatura Rian, seu pseudônimo. Esse conjunto de ilustrações notadamente encantadoras, elegantes e irreverentes destaca o guia *The beautiful Rio de*

Janeiro dentre os demais.

Por fim, o *Guia Oficial da Exposição*, em suas primeiras páginas, traz imagens fotográficas de figuras políticas importantes, dentre elas Eptácio Pessoa, presidente à época, e Carlos Sampaio, prefeito da capital-federal e comissário geral da Exposição. A primeira imagem fotográfica da cidade é da Praia de Botafogo, com o Pão de Açúcar ao fundo, tomada provavelmente do alto do Santa Marta. Além desta, há outras fotografias de localidades da cidade que não estão diretamente relacionadas aos espaços da Exposição, como: Arcos da Lapa, duas imagens do Jardim Botânico, Quinta da Boa Vista, praça XV, Copacabana, Cais do Porto, mais duas imagens da Praia de Botafogo, Igreja da Penha, Jardim da Praça da República, interior da igreja de São Francisco de Paula, Companhia Cervejaria Brahma, aspecto da baía do Rio de Janeiro, Palácio da Guanabara e Instituto Oswaldo Cruz. Além disso, o guia também apresenta a exposição em uma série de imagens, sejam ilustrações, plantas ou fotografias dos pavilhões que compunham a exposição, bem como das obras para erguer o evento comemorativo pelo primeiro centenário da independência do Brasil.

Duração e transformação na imagem turística carioca: o Rio de Janeiro continua lindo?

O Rio de Janeiro é uma cidade que sempre recebeu muitos estrangeiros, seja porque desde os tempos coloniais contava com uma importante atividade comercial, tendo assumido o seu porto um caráter central no desenvolvimento da cidade e da região do entorno, ou porque foi desde o século XVII um importante centro político, antes mesmo de se tornar capital da colônia. Essas visitas, entretanto, não podem de modo algum se confundir com a atividade turística, o que passa a acontecer mais deliberadamente na segunda metade do século XIX. A partir de 1851, por exemplo, já havia “um serviço regular de vapores entre a Europa e a

América do Sul". (Perrotta, 2015, p. 226)

Ainda que no final do século 19 o Rio de Janeiro não se configurasse como um destino turístico estruturado, é muito provável que alguns estrangeiros já se aventurassem a desembarcar em seu porto meramente a passeio. Assim como a elite brasileira já viajava para a Europa com o mesmo fim. (Perrotta, 2015, p. 40)

De certo modo, essa mudança se impôs na medida em que a própria atividade turística foi se transformando – e também se estruturando – no século XIX, devedora em larga escala dos avanços técnicos nos transportes e nas comunicações, do aburguesamento dos costumes, dos debates em torno do ócio e do lazer frente às novas dinâmicas de trabalho, e ainda em decorrência de um investimento contemplativo, parte de uma renovada subjetividade moderna.

É certo que em 1907 chegava ao Rio de Janeiro no vapor Byron o primeiro grupo de turistas em viagem organizada pela Cook & Son, fato amplamente noticiado pelos periódicos de grande circulação à época que chegaram a divulgar informações sobre os visitantes, bem como sobre os passeios realizados (Perrota, 2015, p.41). No entanto, a publicação de variados guias de viagem antes de 1907 e mesmo antes de 1904 – como é o caso do Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro e uma notícia histórica sobre os principais monumentos, de Félix Ferreira, em 1873; o *Guia do viajante no Rio de Janeiro*, de Alfredo do Valle Cabral, em 1882; *Impressões de viagem Brazil-Europa. Ida e volta – Livro-Guia de viagem*, de E. M. Giolma, em 1887; o *Hand Book of Rio de Janeiro*, de A. J. Lamoureux, em 1887; e o *La provincia de Rio de Janeiro – Notizie all'emigrante*, de Félix Ferreira e Antonio da Rocha Fernandes Leão, em 1888 (Perrotta, 2015, p. 228-232) – é um forte indício de que nos anos e décadas anteriores a 1907 a cidade do Rio de Janeiro já recebia viajantes com interesses genuinamente turísticos. Outro elemento que concorre para a confirmação do interesse no Rio de Janeiro, mas não

só turístico, era a quantidade de informações nos guias e em publicações seriadas, como *O Cicerone*, dirigidas aos homens de negócios que aportavam na cidade, fosse apenas para realizar acordos de compra e venda, importação e exportação, fosse ainda para que se estabelecessem definitivamente. Ainda que os homens de negócio não tivessem o turismo como atividade central da visita, obtinham dos guias material suficiente para ocuparem suas horas livres com passeios e divertimentos pela cidade. Afinal, que passeios e divertimentos eram esses, que, aparecendo repetidamente nos guias, compuseram a imagem turística da cidade do Rio de Janeiro? Quais ideias orientavam essa seleção? Quais elementos resistiram, passados quase cento e vinte anos, e quais se alteraram? Por que se alteraram?

Se consultarmos um guia de viagem do Rio de Janeiro atual, muito provavelmente atestaremos que aquilo que mais chama a atenção na cidade é o fato de que esta conjuga a vida pulsante de uma metrópole com variadas belezas naturais – praias oceânicas, praias de baía, morros, montanhas, cachoeiras, florestas. Já nas primeiras páginas desses guias mais recentes veremos tomadas aéreas da Baía de Guanabara e dos principais mirantes da cidade: Corcovado e Pão de Açúcar. Dito assim, nada mudou de 1904 para cá, certo? Errado. E os mapas turísticos que constam daqueles e destes guias nos ajudam a encaminhar uma resposta mais precisa.

O Guide des Etats Unis du Brésil, o *The beautiful Rio de Janeiro* e o *Guia Oficial da Exposição* traziam mapas da cidade. Apesar da distância temporal que os separa – quando uma série de reformas se realizaram na cidade – os três mapas cobrem áreas semelhantes: na parte central e inferior encontramos o centro da cidade, particularmente a região que vai da antiga Praia de Santa Luzia até as docas do porto, ou, se preferirem, do Morro do Castelo ao Morro da Conceição, ou, ainda, toda a extensão da avenida 1º de março, com destaque para a centralidade da Praça XV. Se subirmos o olhar, dessa parte inferior para a parte superior do mapa,

temos o miolo de ambos os mapas, que é ocupado pelo centro do Rio de Janeiro, como se a partir da Praça XV entrássemos na cidade – passando pela rua do Ouvidor, ou suas paralelas, até a praça Tiradentes e depois a praça da República. Do lado esquerdo dos mapas, em comum, vemos a região da avenida Beira-Mar, banhada pela Baía de Guanabara; e do lado direito vemos a região portuária. O mapa que aparece em *The beautiful Rio de Janeiro* guarda algumas particularidades: é o único, dentre os mapas avaliados, que, rumo à zona sul, inclui bairros como Copacabana e Ipanema, abarcando ainda a lagoa Rodrigo de Freitas e o Jardim Botânico; em direção à zona norte, há indicação de bairros como Vila Isabel, Rocha, Riachuelo, esses últimos margeados pela linha do trem que sai da Central do Brasil. Apesar de apresentar alguns bairros atlânticos, o mapa turístico ainda segue o mesmo padrão dos demais, tendo no centro do mapa, na região inferior, o centro da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para a região limitada pelos morros do Castelo e São Bento. Aliás, há uma particularidade no mapa que é o realce dado aos morros da cidade. Considerando-se que dois dos principais atrativos da cidade são vistas do alto, é bastante compreensível que os mesmos – Pão de Açúcar, Corcovado – sejam representados imagetivamente.

E os mapas de hoje em dia, como se organizam? O mapa turístico oficial da cidade do Rio de Janeiro, disponibilizado pela RIOTUR, se diferencia sobretudo em dois aspectos: cobre uma área urbana muito maior do que os mapas do início do século; dá destaque a regiões que sequer apareciam naqueles mapas. Se aplicarmos ao mapa atual a mesma mirada, teremos o seguinte: na parte central e inferior do mapa principal encontramos as praias atlânticas do Arpoador, Copacabana e Leme. À esquerda, a praia de Ipanema e a lagoa Rodrigo de Freitas; já à direita, encontramos o Pão de Açúcar e os bairros da zona sul banhados pela Baía de Guanabara, Botafogo e Flamengo. O miolo do mapa é ocupado por parte do Parque Nacional da Tijuca e por alguns bairros da zona sul, centro e zona norte que a margeiam, como Botafogo, Cosme Velho, Santa Tereza e Rio Comprido. E o centro da cidade, onde está? O centro, destituído de sua

centralidade, ficou relegado à parte superior do mapa.

A comparação diacrônica entre os mapas de antes e de hoje nos ajuda a perceber que, apesar de algumas continuidades, a imagem turística da cidade se transformou radicalmente ao longo do século XX. Mais ainda, a leitura dos mapas nos ajuda a compreender em que direção a cidade cresceu e quais regiões se tornaram mais (ou menos) turísticas. Entre 1904 e 1922, o centro ainda era a principal região da cidade, fosse pelo viés histórico, político, econômico ou cultural. A vida metropolitana do Rio de Janeiro acontecia, sobretudo, nas ruas do centro. O centro concentrava ainda a maior parte dos serviços da cidade, inclusive os serviços turísticos: a imensa maioria dos hotéis, restaurantes e agências se encontravam no centro da cidade. Era no centro que se se reuniam a maior parte dos espaços destinados aos divertimentos e ao lazer: teatros, cinemas, confeitarias, cafés, cafés-concerto, clubes, praças, espaços ajardinados, além da avenida Central, onde era costumeiro o *footing*. Desse modo, temos que a maior parte do tempo de fruição era dada ao gozo em espaços de encontro fechados e frequentemente à noite. Os passeios em praças, jardins, parques, por sua vez, correspondiam a um desejo contemplativo em espaços em que a natureza aparecia exclusivamente dentro dos limites do cultivo humano, ou seja, se encontrava devidamente ajustada aos planos ensaiados pelo engenho humano. Desse modo, fosse em razão dos projetos paisagísticos de espaços como o Passeio Público ou a Praça da República ou em função do projeto colossal de reflorestamento da área destinada à Floresta da Tijuca, havia para todos esses espaços a necessária e, mais do que isso, a desejável intervenção da técnica como resultado do intelecto daqueles sujeitos modernos. Aliás, frequentemente, o acesso a esses espaços – com o uso de meios de transportes modernos – ganhava tanto mais relevância quanto os próprios espaços, como exemplificado pelo trem para o Corcovado, o passeio de carro pelo Alto da Boa Vista ou pela avenida Beira-Mar, e o bondinho para o Pão de Açúcar.

Em 1922, ano limite para o recorte cronológico da nossa pesquisa, o centro

ainda era a menina dos olhos da cidade do Rio de Janeiro. O “mapa da área comercial” do Rio de Janeiro que consta no *Guia Oficial da Exposição* confirma essa hipótese, como demonstramos acima. Mas ainda vamos além. Observemos o primeiro dado: limitado entre a rua de Santa Luzia, a ladeira da Misericórdia, a ladeira do Castelo e a rua México, restavam traços do Morro do Castelo e uma enorme área, antes ocupada por ele, já esvaziada. Segundo dado: desde as reformas Rodrigues Alves e Pereira Passos, os bairros atlânticos (Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon) vinham sofrendo intervenções, como a abertura da avenida Atlântica, iniciada em 1906, e da avenida Delfim Moreira, em 1918. Por que, frente a bairros completamente livres para a ocupação, tendo de ser erguidos por completo, havia tanto interesse na área esvaziada pelo desmonte do Morro do Castelo? As ideias higienistas de um lado, a lusofobia e o horror ao passado colonial por outro não dão conta, sozinhos, de nos responder suficientemente bem. Por mais vantajoso que fosse para as construtoras e incorporadoras investirem na urbanização dos bairros atlânticos, em 1922 ainda estava no centro da cidade o metro quadrado mais disputado e, portanto, de maior valor comercial.

Anos depois, avançado o processo de urbanização e ocupação dos bairros atlânticos e ressignificada a vida à beira-mar – com a valorização dos lazeres diurnos, o apaziguamento dos pavores frente ao mar e o fim da velha boemia associada aos divertimentos do centro – a zona sul atlântica foi pouco a pouco e integrando ao mapa turístico da cidade do Rio de Janeiro até que passasse a ocupar o centro da cena, relegando ao centro da cidade um papel coadjuvante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marta. Congressos Científicos na América Latina: espaços de debate, exposições e intercâmbios. In: BARBOZA, Christina. (Org.) **Histórias de Ciência e Tecnologia no Brasil**. Rio de Janeiro: MAST, 2016, v. 3, p. 94-105.
- COSTA, Amanda Danelli. A literatura de viagem em perspectiva histórica: contribuições para um mirada sobre os guias de viagem. **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 139, p. 31-43, 2021.
- GORELÍK, Adrián. "Ciudad, modernidad, modernización". **Universitas Humanística**, nº56, junio-2003, pp. 11-27.
- PERROTTA, Isabella. **Promenades do Rio**: a turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Topbooks. 2015.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson; MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro – uma história de contrastes. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p. 19-53, jan./jun. 2015.
- Fontes:**
- BELL, Alured Gray. **The beautiful Rio de Janeiro**. London [Londres, Inglaterra]: Wheinemann, [1914]. xix, 194p., il. (algumas col.), ret, mapas. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon205087/icon205087.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025. Loc. Original: 83.3.2 – Iconografia/Fundação Biblioteca Nacional.
- EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DO BRASIL, 1922-1923, Brasil. **Guia oficial da Exposição do Centenário...**: com informações gerais sobre o Brasil, a cidade do Rio e os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e S. Paulo... Rio de Janeiro, RJ: Bureau Oficial de Informações, [1922]. 392 p., il., ret., mapas. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon373452/icon373452.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025. Loc. Original: 48.3.18 – Iconografia/Fundação Biblioteca Nacional.
- PESSOA, Paula. **Guia da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Ofic. Gráfica E. Bevilacqua, 1905. 196p., il., 22 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon705113/icon705113.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025. Loc. Original: 109.1.1 – Iconografia/Fundação Biblioteca Nacional.
- O Cicerone**: guia geral das Estradas de Ferro e da Capital Federal. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1909]. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cicerone/709077>. Acesso em: 10 jun. 2025. Loc. Original: PR-SOR 06138 – Periódicos/Fundação Biblioteca Nacional.